

## **Reflexões acerca de Redes Alimentares Alternativas**

### **Resenha do livro:**

**GOODMAN, D; DUPUIS, M.E., GOODMAN, M.K. Alternative Food Networks: knowledge, practice, and politics. Abingdon: Routledge, 2012.**

*Reflections on Alternative Food Networks*

*Book Review:*

*GOODMAN, D; DUPUIS, M.E., GOODMAN, M.K. Alternative Food Networks: knowledge, practice, and politics. Abingdon: Routledge, 2012.*

### **Ana Clara Aparecida Alves de Souza**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-Graduação em Administração  
e-mail: clara.ufc@gmail.com

### **RESUMO**

O livro oferece uma visão crítica sobre o aumento das Redes Alternativas de Alimentação, suas redes sociais e a luta pela defesa de seus valores éticos e estéticos contra as pressões para padronização, oriundas das corporações *mainstream*, com suas redes de fornecimento globais "sem lugar e sem nome". Exploram-se como os movimentos alternativos estão fazendo a diferença e seu possível papel sobre a intensificação da mudança climática global e da insegurança alimentar. O livro avalia as diferentes posições em torno das redes de três grandes arenas de ativismo alimentar e política: o Reino Unido e Europa Ocidental, os EUA e a economia global do Comércio Justo. A comparação proposta se estende ao longo do livro para explorar a interface entre o fornecimento de alimentos alternativos e o *mainstream*.

**Palavras-chave:** Redes; Alimentação; Alternativa.

### **ABSTRACT**

The book offers a critical review of the rise of Alternative Food Networks, its social networks, and the struggle to defend its values and esthetic against pressures for pre-ordination from mainstream corporations with their global "nameless and nameless" supply networks. They explore how alternative movements are making a difference and their possible role on the intensification of global climate change and food insecurity. The book is evaluated as different institutions around the networks of three major arenas of energy and politics: the UK and Western Europe, USA and a global Fair Trade economy. A proposed comparison is intended throughout the book to explore an interface between the provision of alternative foods and the mainstream.

**Keywords:** Alternative; Food; Networks.

**Contextos da Alimentação** – Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade  
Vol. 6 no. 1 – Dezembro de 2018, São Paulo: Centro Universitário Senac  
ISSN 2238-4200

Portal da revista Contextos da Alimentação: <http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistacontextos/>

E-mail: [revista.contextos@sp.senac.br](mailto:revista.contextos@sp.senac.br)

Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-Não Comercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/) 

## **Afinal, o que se pode compreender como “alternativo” no campo alimentar?**

O livro *“Alternative Food Networks”* traz uma perspectiva extremamente instigante, devido à cadência que os autores alcançam ao apresentarem o que se configura como “alternativo”, ilustrando casos e, a todo momento, contrabalanceando esses caminhos alternativos alimentares a uma visão crítica mais ampla sobre os diversos outros aspectos sócio-históricos que devem ser considerados e ponderados na discussão de redes alternativas alimentares. Ainda a ideia de que o alternativo é contextual, leva à reflexão de que, não necessariamente esse caminho é rompedor de um sistema, mas pode se configurar como um núcleo diferenciado dentro desse próprio sistema, entretanto, mesmo aí, pode ser contraditório.

Na primeira parte do livro, intitulada “Redes Alimentares Alternativas: reflexividade e conhecimento prático compartilhado”, composta por três capítulos, os autores iniciam destacando que o final do século XX marca um fechamento na história da mudança social. Segundo eles, por volta dos anos 1980, as mudanças esperadas pareciam sonhos mais distantes. Entretanto, o ativismo social é consideravelmente resiliente, podendo ser ilustrado por uma miríade de expressões de protesto. É em meio a uma nova onda de ativismo social que se incluirá o crescente movimento alternativo alimentar, em suas mais variadas e diversas formas.

Goodman, Dupuis e Goodman (2012) buscam encaminhar uma linha entre os argumentos de convencionalismo que registram a crescente totalização do aprovisionamento de alimentos como projetos políticos alternativos, da comida local ao comércio justo, atraídos para a economia corporativa dominante e as prefigurações e visões de movimento de alimentos. Ao se dirigirem entre essas posições, os autores tomam uma visão reflexiva, que permite certa distância crítica. Esta postura reconhece que as lutas dos ativistas alimentares não conseguiram satisfazer suas próprias visões, mas também presta atenção às maneiras pelas quais, em alguns casos e em alguns lugares, as economias alternativas conseguiram ocupar posições relativamente independentes no sistema alimentar.

A partir dessa abordagem reflexiva, o livro se concentra em dois espaços sociais onde os projetos de “vanguarda” de economia alternativa ganharam mais destaque geral e agora são amplamente conhecidos: Redes Alternativas Alimentares (RAA) e circuitos de Comércio Justo no Sul global. Os autores discutem se esses desenvolvimentos são ou não precursores de um projeto mais amplo de empoderamento social e mudança progressiva.

Os autores destacam reflexões em torno do consumo de alimentos locais. Nas narrativas de ativistas alimentares, o local tende a ser enquadrado como o espaço ou o contexto onde as normas e valores éticos podem florescer e, portanto, o localismo torna-se inextricavelmente parte da explicação para o surgimento de redes alternativas de alimentos “boas” e mais sustentáveis. Goodman, Dupuis e Goodman (2012) afirmam que um localismo “irreflexivo” pode ter consequências negativas importantes. As críticas destacadas ao longo da discussão revelam ainda que a política do localismo pode ser problemática e contraditória. No entanto, essas críticas não são feitas para deslegitimar o localismo, mas para proporcionar uma melhor compreensão da complexidade e armadilhas da política

local e os efeitos deletérios em longo prazo dos movimentos de reforma controlados principalmente por grupos particulares de pessoas locais, levando a uma política de perfeccionismo que tem elementos racistas e segregadores.

Goodman, Dupuis e Goodman (2012) afirmam que as tensões entre os ideais democráticos da autonomia individual e as noções soberanas de "bem comum" compõem um debate central na teoria política moderna e, para os autores, compreender este debate sobre o significado da justiça pode ajudar a esclarecer as questões da alimentação local e da justiça social. Os autores defendem, ainda, a necessidade de repensar as abordagens culturais centradas na produção e as políticas alimentares, de forma a reconhecer os processos de interação entre a forma como "cultivamos alimentos" e como "conhecemos alimentos".

Nos capítulos iniciais do livro, Goodman, Dupuis e Goodman (2012), estabelecem algumas das bases necessárias para entender as Redes Alternativas Alimentares como conjuntos socioecológicos formados por práticas e rotinas que se mobilizam e "qualificam" recursos materiais e cognitivos de maneiras particulares, esse entendimento é aprimorado através do desenho de linhas analíticas e linhas de pesquisa de outras disciplinas de ciências sociais.

Ao discorrerem sobre o "Fornecimento de alimentos alternativos no Reino Unido e Europa Ocidental: introdução e antecedentes", também centrando-se em três capítulos, Goodman, Dupuis e Goodman (2012) situam o surgimento de práticas alternativas de provisão de alimentos na Grã-Bretanha e na Europa Ocidental em uma perspectiva ampla, identificando alguns dos muitos caminhos de convergência que estão se construindo em espaços político-econômicos e discursivos para seu desenvolvimento.

São apresentadas ferramentas analíticas e contextuais que permitem refletir sobre algumas questões postas em jogo, por exemplo, como se deu a proliferação de redes alternativas alimentares desde 1990, como se organizam; como essas redes se configuram como alternativas e re-localização, suas relações com o fornecimento convencional de alimentos; questões sobre a ideia de deslocalização como movimento de oposição, considerando elementos como política moral, sustentabilidade ecológica, justiça social e bem-estar animal. Faz-se, ainda, um exame da literatura europeia sobre redes alternativas alimentares a partir da apresentação e análise de uma gama de estudos de caso.

Goodman, Dupuis e Goodman (2012) destacam também que os debates e os materiais de caso por eles analisados revelam o quão difícil é colocar localidades e redes locais de alimentos de forma inequívoca sob a rubrica de "alternativo". No caso dos alimentos locais, Goodman, Dupuis e Goodman (2012) afirmam que esse desafio reside nos valores ecológicos, éticos e estéticos atribuídos ao processo produtivo. Fazem a ressalva de que os alimentos locais podem ser comercializados diretamente, mas a "escala" para consumidores distantes geralmente requer integração em canais de distribuição corporativa e portfólio de produtos "de qualidade".

Sobre a ideia de virada da qualidade, outro relevante ponto destacado pelos autores, dá conta de que essa concepção criou condições favoráveis à rastreabilidade dos alimentos, desde a produção ao consumo, tanto no que diz respeito à segurança alimentar, quanto considerando outros aspectos como sustentabilidade, biodiversidade, práticas artesanais, tradições culinárias, comércio justo e bem-estar animal. Os autores reforçam que essas preocupações abrem novas oportunidades para os varejistas se diferenciarem e segmentarem

seus mercados, mas também para movimentos sociais mobilizarem valores e práticas incorporadas em produtos de qualidade alternativa.

Os autores examinam a forma como os formuladores de políticas percebem as economias de alimentos espaciais e seu reordenamento, as medidas consideradas para alcançar a segurança alimentar nacional e o papel que eles veem para redes re-localizadas de alimentos no processo de ajuste para restrições de recursos mais vinculativas. Goodman, Dupuis e Goodman (2012) destacam que a discussão por eles apresentada indica que aquilo que se entende por "segurança alimentar sustentável" é altamente contingente e isso introduz um grau significativo de ambivalência e generalização.

Na terceira parte, ao discorrerem sobre "Movimentos alimentares alternativos nos EUA: anos formativos, *mainstreaming*, governança cívica e conhecimento da sustentabilidade", Goodman, Dupuis e Goodman (2012) analisam o desenvolvimento de movimentos agrícolas alternativos nos EUA e os desafios que eles enfrentam após a institucionalização de uma concepção baseada em padrões, de "insumos permitidos" de alimentos orgânicos e sua governança.

A corrente, uma vez progressiva, do ativismo de pesquisa no movimento de agricultura sustentável, conforme Goodman; Dupuis e Goodman (2012) acabou por se estabelecer para uma maior legitimidade institucional e tração fiscal, promovendo a agricultura sustentável como uma "reivindicação de conhecimento" científica e não como um projeto socioecológico, social ou uma agenda política.

Sobre a abordagem reflexiva proposta, Goodman; Dupuis e Goodman (2012) afirmam que a mesma leva em consideração dois pontos de vista, reconhecendo o que a política de rede alternativa de alimentos conseguiu, mas também compreende as limitações dessa abordagem para mudar nosso sistema alimentar.

No que diz respeito às economias alternativas, Goodman, Dupuis e Goodman (2012) destacam que as mesmas são poderosas, mas não intrinsecamente igualitárias. Elas não estão fixas, pois estão sempre abertas a perguntas. Para eles, é essa "falta de equilíbrio" que torna necessário manter os sistemas alimentares na conversa cívica maior e contínua sobre fazer um mundo melhor, com o "melhor" definido de forma diferente e reflexiva por pessoas diferentes. É o processo de construção desse mundo, apesar das diferentes visões de mundo que tornam a dinâmica das economias alternativas tão complexa e tão poderosa e a discussão trazida pelos autores, tão instigante.

Como parte das reflexões sobre RAA, Goodman, Dupuis e Goodman (2012) iniciam um tópico discorrendo sobre o fato de que mesmo que a criação de fronteiras e a concepção de redes tenham êxito na criação de economias alternativas viáveis e persistentes, a questão permanece: Por que a existência de economias alternativas é importantes? Os autores argumentam que as economias alternativas e a capacidade de criar novas economias que podem sobreviver fora do *mainstream* são mais importantes do que as porcentagens de vida econômica que representam.

Os autores concluem que a partir de um quadro teórico que vê a produção do conhecimento e a aprendizagem como atividade diária, dinâmica e experiencial, começa-se a preocupar menos com categorizar o conhecimento como sustentável por definição versus convencional por definição. Em vez disso, pode-se concentrar nos atores relevantes criando conhecimento e como eles negociam a compreensão dessas categorias.

Na seção final do livro "Globalização de movimentos alternativos de alimentos: a política material cultural do comércio justo", Goodman, Dupuis e Goodman (2012) centram as reflexões sobre o movimento de *fair trade* e a entrada de grandes nomes corporativos na disseminação dessa prática e desse discurso como diferencial competitivo. Questiona-se o que significa um nascente movimento liderado por caridade, justiça global, comércio justo através de catálogos e lojas ligadas a algumas das maiores e mais duvidosas marcas multinacionais de alimentos existentes. Conforme os autores, um dos principais componentes da prática do comércio justo é o conjunto de imaginários visuais e textuais que cria e circula em suas redes.

A partir das discussões destacadas, Goodman, Dupuis e Goodman (2012) afirmam que o comércio justo tem sua própria maneira particular de traduzir e articular a cultura circulante de consumismo consciente liderado por escolha e, portanto, suas próprias trajetórias e evolução promovidas pelos atores, organizações e empresas em seu centro.

Goodman; Dupuis e Goodman (2012) exploram a mudança da política material do comércio justo em seus regimes semióticos deslocalizadores de conhecimento e suas práticas, já que as redes de comércio justo se mudaram para o *mainstream*.

Os requisitos de qualidade, quantidade e gosto do comércio justo tornam sua invocação da ética comum mais específica e, de fato, mais complicada, contraditória, complexa e contextualizada do que o trabalho sobre o consumo ético, até agora, não foi descoberto ou estava disposto a admitir, como pontuam os autores.

Nas seções finais do livro, os autores destacam que no contexto da integração e continuação da expansão das redes de comércio justo refletem sobre algumas políticas, trajetórias e significados mais amplos de mercados e movimentos de comércio justo.

Acredita-se que o livro abre uma série de reflexões necessárias à defesa das "alternativas", não em contraponto a elas, mas no sentido de agregar outras variáveis na defesa de um caminho "diferente" dentro da seara da produção e distribuição de alimentos.